

## **Baby do Brasil em show histórico: a ambivalência convertida no Rock in Rio 2015<sup>1</sup>**

Bruno Anselmo da Silva<sup>2</sup>

Karla Patriota Bronsztein<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

Além de um reencontro histórico na música popular brasileira, a apresentação da cantora Baby do Brasil com o ex-marido e guitarrista Pepeu Gomes, na 6ª edição do Rock in Rio, demonstrou-se, para nós, extremamente provocativa por pelo menos dois motivos: representar algumas das mudanças ocorridas no país nos últimos 30 anos e evidenciar certas complexidades relativas à questão da alteridade. Um acontecimento marcante na vida pessoal da artista atravessa a nossa discussão neste artigo: sua experiência de conversão religiosa. Repertório, gestual, figurino e cenografia – por vezes ressignificando mensagens – parecem cooperar mutuamente num evento enunciativo que expressou, dentre outras coisas, a postura ambivalente da cantora/pastora. Ambiguidade como estratégia? O discurso desta controversa e efusiva artista pode fornecer algumas pistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade; Conversão; Discurso.

“Percepcionar um corpo outro significa, antes de mais, sofrer uma esquivia e compensá-la com um equívoco” (GIL, 1997, p.148). A observação de José Gil demonstra como a experiência com a alteridade, sempre indireta, pois baseada em sinais exteriores, tende a resultar em equívoco. Essa constatação parece particularmente verdadeira se tentamos capturar um pouco da subjetividade de figuras controversas como a cantora Baby do Brasil. Longe de ambicionar enquadramentos totalizantes, a proposta deste artigo é investigar algumas das transformações ocorridas no Brasil nas últimas décadas, a partir da participação dessa artista num evento cultural de enorme impacto entre os brasileiros, o Rock in Rio.

Após 27 anos separados, nos palcos e na vida pessoal, Baby do Brasil (ex-Baby Consuelo) e o guitarrista Pepeu Gomes se reencontraram numa calorosa apresentação, na 6ª edição do evento, exibida ao vivo pelo canal Multishow, na tarde de 20 de setembro de 2015, para a emoção de milhares de fãs. O responsável pelo reencontro histórico foi um dos filhos do casal, o também músico Pedro Baby, que dirigiu o show e deu sua contribuição nas guitarras. A apresentação pode ser entendida como um dos frutos da temporada de shows idealizada por Pedro por ocasião dos 60 anos da cantora – a turnê “Baby Sucessos” – que levou mãe e filho, desde 2012, a revisitarem os sucessos da artista, da sua época nos

1 Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

2 Mestrando do PPGCOM da UFPE, e-mail: brunoanselmo.br@gmail.com.

3 Doutora em Sociologia e mestre em Comunicação. Professora do PPGCOM da UFPE, e-mail: k.patriota@gmail.com.

Novos Baianos até os *hits* da fase solo dos anos 80 e que também resultou na gravação de um CD/DVD. A parceria musical parece ter beneficiado a ambos: enquanto Baby comemora atualmente o reaquecimento da carreira, Pedro acaba de lançar o álbum “Pedro Baby Vol.1”, dando início à carreira solo.

Além de apresentar a obra da cantora para o público das novas gerações e de reunir musicalmente os pais no palco do Rock in Rio, o mérito de Pedro residiu, antes de tudo, em convencer a mãe a cantar novamente um repertório do qual ela havia se afastado desde sua conversão ao cristianismo no fim dos anos 90, após a qual se tornou evangélica e pastora – ou “popstora”, como costuma se definir. Em diversas entrevistas, Baby do Brasil afirmou que só aceitou o convite do filho após pedir a permissão divina através de oração e jejum (ORTEGA, 2015). A relutância não foi sem razão e, talvez, seja precisamente este o ponto que motivou a redação deste artigo.

Capaz de desestabilizar convenções sociais e gerar estranhamentos, a apresentação de Baby do Brasil e Pepeu Gomes no Rock in Rio 2015, coloca algumas complexidades em pauta. Como articular os valores embutidos em certos discursos ao arcabouço religioso professado atualmente pela artista? A ambivalência, que tanto desafia padrões estabelecidos, é adotada estrategicamente ou apenas constitui o modo de ser dessa artista? Quantas transformações sociais um concerto musical como este é capaz de evidenciar? Numa conjuntura política, econômica e religiosa de um Brasil bem diverso daquele dos anos 80, os motivos pelos quais uma apresentação dessa natureza nos chama atenção também são outros e parecem relacionar-se especificamente à figura de Baby e, mais diretamente, à sua experiência, discursivamente revelada, de conversão.

É justamente neste lócus que o nosso olhar se detém: no funcionamento desse discurso, nos seus mecanismos de produção de sentido e nas “marcas de interlocução” (ORLANDI, 1981, p.24) entrelaçadas e ligadas à relação existente entre as formações discursivas (de duas épocas marcadamente divergentes) e as formações ideológicas (de uma crença de cunho cambiante e espetacular). Nosso olhar se detém, portanto, no sujeito. Na Baby que deixou de ser “Consuelo” e passou a ser “do Brasil”. Na artista que experimentou um processo íntimo de mudança, de *metanóia*, modalizando-o discursivamente na mídia e na realidade, “claramente irregular” (FOUCAULT, 1971) do interior do seu discurso. É na manifestação dos seus enunciados, provindos de diversas e várias instâncias, que partem de mais de um referente ou referencial para revelar a dispersão do próprio sujeito, que constituímos o nosso corpus para este artigo.

São as diversas falas e os gestos de Baby do Brasil, além de trechos das músicas (nas quais, em muitos momentos, ela ressignificou discursivamente as letras antigas) ao longo da sua apresentação no festival em 2015, que materializam o corpus desta análise e nos viabilizam refletir acerca da descontinuidade dos planos de onde ela fala e de seus diferentes estatutos. A ancoragem teórico-conceitual, por conseguinte, se apoia na Análise do Discurso de linha francesa (AD) e na concepção de um sujeito ativo, que trabalha e que interfere, não apenas alguém que é meramente afetado pelo discurso e pela ideologia.

Usaremos, assim, o conceito de “memória discursiva” para analisar a materialidade linguística de um sujeito para além das condições de produção do seu discurso, com suas manobras, desvios ou escapes, ou ainda suas escolhas no modo do dizer e do não-dizer. Pretendemos, portanto, demarcar “significações” e “ressignificações” no discurso de Baby no Rock in Rio 2015, numa breve perspectiva de análise comparativa com a primeira edição, de trinta anos antes. A ideia é revelar, por sua formatação e nos termos temporais e situacionais, as partes componentes da memória discursiva, com significações que não são eternas, nem sem movimentos, mas que são imprescindíveis como fundação e, como memória são, verdadeiramente, as condições de legibilidade<sup>4</sup>.

### **Convertida ou invertida?**

Proferidas por Baby ao longo de toda a apresentação em 2015, as muitas referências a Deus e a Jesus chamaram a atenção da imprensa, que se alternou em classificar suas “homenagens religiosas” como curiosas (MURARO, 2015) ou, simplesmente, “amostras de proselitismo religioso” (EM REENCONTRO..., 2015). A busca espiritual, entretanto, tem se revelado um componente onipresente na trajetória da cantora. Rafael Saar, que roteirizou e dirigiu um documentário – ainda em desenvolvimento – sobre a vida e carreira de Baby, percebe nela “uma busca incessante de uma artista que acredita na música como caminho direto de ligação com Deus” (BASTOS, 2010). A própria Baby demonstra, em diversas entrevistas, o quanto a espiritualidade sempre fez parte da sua vida: “Desde criança tenho visão aberta do mundo espiritual” (ANDRADE, 2012). Direta ou indiretamente, seja nas temáticas ou nas inúmeras menções a passagens bíblicas e/ou experiências transcendentais, em declarações públicas ou nas apresentações ao vivo, a religião tem atravessado grande parte do repertório de Baby, como se pode constatar em diversas canções: “No fim do

---

<sup>4</sup>“A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Juízo”, da fase pós-tropicalista com os Novos Baianos; “Minha oração”, “Telúrica”, “Cósmica”, “Seus olhos” e “Sem pecado e sem juízo”, da fase solo nos anos 80; além de “Poderoso Deus”, “Invertido-convertido”, “Glória a Jesus Cristo Nosso Senhor” e “Amazing Grace”, da fase gospel<sup>5</sup>.

Se a busca espiritual, de certa forma, unifica o repertório da cantora, as diferenças filosóficas e teológicas no conteúdo das letras evidencia com clareza uma mudança de rota na vida da artista a partir do final da década de 90. Identificada, nos anos 80, com os valores místico-esotéricos da Nova Era<sup>6</sup>, ela costumava falar em materializações, naves espaciais, luzes, *chacras* e pensamento das flores. Seguiu de perto o guru Thomas Green Morton<sup>7</sup> e popularizava, em seus shows, o “rá”, grito supostamente energizante. Uma experiência ocorrida em 1999, que, segundo ela, completou a sua busca espiritual, modificou radicalmente o comportamento e o discurso de Baby:

Tive um arrebatamento no meu quarto. Quando tinha me separado do Pepeu, já tinham acontecido umas coisas bem “Poltergeists”, aí essas experiências começaram a voltar. Coisas fantásticas. Comecei a falar com Deus que tinha que conhecê-lo. Queria uma aparição Dele. Aí começou a acontecer, fui arrebatada. Deus me levou lá para cima e me mostrou tudo. Isso foi em maio de 1999. (ANDRADE, 2012)

Hoje, o discurso da cantora revela claramente sua adesão aos valores do cristianismo, ligados mais especificamente à igreja protestante, evangélica e neopentecostal<sup>8</sup>. A “popstora” Baby trata Deus como Pai, prega sobre Jesus Cristo e o Espírito Santo e afirma: “Sem nenhum baseado, me tornei uma pessoa muito mais louca” (BALLOUSSIÉ, 2015). Palavras como aleluia, louvor, oração, arrebatamento e jejum são hoje comuns em seu vocabulário.

A mudança de direção narrada por Baby é típica da experiência religiosa de conversão. Do ponto de vista da teologia cristã, como esclarece BERKHOF (1990, p.478-479), este fenômeno religioso corresponde a uma experiência consciente de mudança de

<sup>5</sup> A partir da década de 1990, o termo “música gospel” começa a ser utilizado no Brasil relacionado a “qualquer estilo musical cujas letras e compositores fossem cristãos. Alguns até diziam existir o jazz gospel, o reggae gospel, o country gospel, o pop gospel, o rock gospel e assim por diante” (BAGGIO, 2005, p.16).

<sup>6</sup> “A Nova Era é, sem dúvida, um fenômeno cultural, mas não é propriamente uma religião, uma nova organização religiosa; não possui líderes explícitos, membros, estrutura hierárquica, estatutos, confissão de fé, etc (...) É composta de manifestações neo-pagãs diferentes umas das outras, que vão desde popularizações de religiões orientais como o hinduísmo, o budismo e o taoísmo, até as mais crassas superstições pagãs como astrologia, o poder curativo dos cristais, adivinhações e necromancia” (GOUVÊA, 1998, p.7).

<sup>7</sup> Além de Baby e Pepeu, celebridades como Gal Costa, Tom Jobim, Elba Ramalho e Sergio Reis também seguiram os ensinamentos deste “paranormal” brasileiro, que ficou conhecido como “o Homem do Rá” e, além de entortar garfos, afirmava produzir luzes e perfumes sobrenaturais.

<sup>8</sup> Por uma questão de foco e limitação espacial neste artigo, não promoveremos um detalhamento desta corrente religiosa, contudo é imprescindível demarcar que o neopentecostalismo quando comparado às outras vertentes tidas por cristãs, configura-se como um fenômeno recente (no Brasil seu crescimento se deu a partir da década de 70, fortemente influenciado pela utilização da mídia). Isso faz com que, em geral, quando pensamos na sua emergência, a associemos ao momento contemporâneo de aceleradas mudanças sociais e uma religiosidade mais liberal e menos ascética.

vida e relaciona-se a vocábulos bíblicos como os hebraicos *nacham* (arrepender-se), ou *shubh* (volver, voltar-se, virar e retornar), mas principalmente ao termo grego *metanóia*, cujo significado primordial é “mudança de mente”. Para Berkhof

converter-se não é apenas passar de uma direção consciente para outra, mas fazê-lo com uma aversão claramente percebida para com a direção anterior. Noutras palavras, *metanoia* tem, não somente um lado positivo, mas também um lado negativo: olha retrospectivamente e também prospectivamente (...). É uma mudança que tem suas raízes na obra de regeneração, e que é efetuada na vida consciente do pecador pelo Espírito de Deus; mudança de pensamentos e opiniões, de desejos e volições, que envolve a convicção de que a direção anterior da vida era insensata e errônea, e altera todo o curso da vida. (BERKHOF, 1990, p.479-481)

A Bíblia relata diversas conversões, dentre as quais uma das mais emblemáticas é a do apóstolo Paulo, que passou de perseguidor de cristãos a cristão perseguido, experiência que se refletiu, inclusive, na mudança do seu nome – ele deixou de ser Saulo, para chamar-se Paulo. Numa passagem bíblica amplamente utilizada para se referir à conversão, o próprio Paulo ajuda a definir o conceito de forma bastante elucidativa: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (BÍBLIA, 1 Coríntios 5:17-19)

É possível perceber, pois, que a experiência de conversão implica num duplo movimento: o abandono das “coisas antigas” e o simultâneo engajamento numa vida nova de cooperação com Cristo na proclamação da “mensagem de reconciliação” (BÍBLIA, 1 Coríntios 5:17-19) ao mundo. Nas palavras de John Stott, “a verdadeira liberdade, portanto, combina o negativo (libertação *de*) com o positivo (libertação *para*)” (STOTT, 2005, p.61). Joshua Harris sintetiza esta premissa cristã da seguinte maneira: “Quando pessoas são verdadeiramente convertidas, elas não somente se afastam do pecado e do mau comportamento; elas se voltam para Jesus Cristo e seu senhorio” (HARRIS, 2011, p.212). Portanto, não se deve pensar na conversão considerando apenas o abandono de certas ideias e práticas, mas percebê-la também como a adoção positiva de novas ações e valores.

A ruptura com o passado é, sem dúvida, uma faceta básica da conversão. Porém, não é correto entender a conversão simplesmente como uma ruptura, uma vez que certa continuidade está envolvida no processo. Este aspecto, em particular, parece bastante óbvio na experiência de Baby do Brasil. Do visual ao figurino, passando pelo vocabulário e repertório, é possível observar que determinados elementos discursivos e de estilo foram mantidos, porém, muitas vezes, reorientados e ressignificados. Diante das críticas, Baby posiciona-se contra o preconceito: “Todo mundo acha que crente tem que ser feio, pobre e

morar longe (risos). E eu já tô dizendo que cristão pode ter cabelo roxo, roupa muito louca, unhas coloridas e o coração cheio de Deus, cheio do bem” [sic] (ANDRADE, 2012).

A relação de Baby com o repertório antigo também difere bastante da postura adotada por outros artistas convertidos. Os exemplos no meio musical são muitos. A começar, no Brasil, pela filha da própria Baby, a também cantora Sarah Sheeva (ex-SNZ), passando por nomes como Rodolfo Abrantes (ex-Raimundos), Catalau (ex-Golpe de Estado), Sula Miranda e Bezerra da Silva, dentre outros; no exterior, o roqueiro Alice Cooper, os cantores Bob Dylan e Nina Hagen<sup>9</sup> são alguns dos que reforçam o time dos convertidos. Entre os brasileiros os convertidos, via de regra, abandonam o repertório anterior para dedicarem-se exclusivamente à chamada música “gospel”. Um caso peculiar é o do cantor Lázaro, ex-vocalista da banda baiana Olodum, que, além do repertório novo, inteiramente evangélico, ganhou notoriedade por parodiar um *hit* do antigo repertório, substituindo a letra “secular” de “I miss her” por uma letra “gospel”, o que resultou na música “Eu Sou de Jesus”. Baby, como veremos adiante, mesmo tendo gravado dois álbuns no mercado gospel – “Exclusivo para Deus” (2000) e “Geração Guerreiros do Apocalipse” (2011) – seguiu carreira diferenciando-se da regra, ao continuar cantando o repertório pré-conversão, com raros ajustes nas letras. É preciso ter em mente, contudo, que um discurso como o dela emerge num momento político, econômico, religioso e social de um Brasil muito específico.

### **Entre os 30 anos do Rock in Rio**

A presença de Baby e Pepeu entre as atrações do festival, estratégia de marketing dos organizadores, gerou uma enorme expectativa no público e repercutiu bastante nos meios de comunicação. Pode-se dizer que o show foi emblemático por remeter à memorável apresentação da dupla na primeira edição do Rock in Rio, há exatos 30 anos.

O ano de 1985 (quando foi realizado o primeiro concerto) foi marcado, no Brasil, pelo fim da ditadura militar, com a eleição indireta do primeiro presidente civil em 20 anos. O movimento em prol das eleições diretas, iniciado um ano antes, conforme Novais e Cardoso de Mello (1998), reuniu a diversidade dos brasileiros (mesmo sem a potência das redes sociais digitais de hoje) num só sentimento: o de pertencer a uma mesma nação. Foi

---

<sup>9</sup> Assim como Baby do Brasil, a cantora alemã Nina Hagen, que divide o posto de “mãe do punk” com a americana Patti Smith, é também, desde 2009, uma convertida ao cristianismo. Curiosamente, além do visual excêntrico, a cantora assemelha-se ainda a Baby pelo gosto por nomes inusitados (sua filha chama-se Cosma Shiva) e por ter participado da primeira edição do Rock in Rio, em 1985.

nesse cenário de redemocratização, no melhor estilo *New Wave*, com cabelos coloridos, figurino composto por metais retorcidos supostamente pelo poder da mente e gritos de influência *New Age* – os famosos “rá” – que Baby surgia grávida, do sexto filho do casal, Kriptus Baby, quebrando tabus ao exhibir a barriga diante das câmeras, enquanto Pepeu, o único artista brasileiro a ter participado de todas as edições do festival, realizava a *performance* que, segundo ele, viria a se tornar um divisor de águas em sua trajetória.

Em 30 anos muitas coisas mudaram no país. O próprio controle da inflação e a emergência de uma nova classe média, com a ampliação do consumo, já seriam suficientes para a promoção de uma grande transformação. Contudo, as três décadas que separam os dois concertos que observamos, revelam mudanças demasiadamente complexas e difíceis de serem demarcadas num artigo cujo foco não é exclusivamente esse. Num primeiro momento, somos levados a atribuir parte da “culpa” dessas transformações às contínuas e crescentes crises social e econômica, à ampliação do desemprego, ao avanço da criminalidade e da violência, além do próprio “envelhecimento” do discurso católico romano. Estes fatores, entrelaçados a uma acelerada transmissão de ideias, preceitos e doutrinas através dos meios de comunicação de massa, foram ainda adicionados à possibilidade irrestrita para o exercício de um pluralismo religioso não combatido, e até estimulado, além da abertura política e a redemocratização do Brasil (MARIANO, 2004).

No seu primeiro ano (1980), a considerada “década perdida”<sup>10</sup> apresentava, conforme o Censo do IBGE, um Brasil com 119.070.865 de habitantes (contra os 205.343.335, projetados para janeiro de 2016). Era um país jovem: mais de 79 milhões pertenciam ao grupo de idade entre 0 e 29 anos; urbano, com uma população de cerca de 80,5 milhões morando nas cidades; católico, já que mais de 106 milhões assim se diziam, ao passo que apenas 7.856.272 eram evangélicos e 1.625.361 eram espíritas. Três décadas depois, de acordo com o Censo de 2010, o número de pessoas que se denominam evangélicas cresceu de 6,66% na década de 80, para 22,2%, um aumento de mais de 200% em 30 anos. Neste cenário, conforme dados do instituto de pesquisa Data Popular, mais de um terço dos jovens entre 16 a 24 anos no Brasil de hoje são evangélicos e protestantes (MARTINS, 2015).

Além disso, da década de 1980 para cá, a presença evangélica se fez marcante também nas esferas política e midiática. Se em 1985, a devoção católica do presidente recém-eleito chamava a atenção dos brasileiros (NOVO..., 1985, p.61), em 2014, dois

---

<sup>10</sup> A década de 80 no país foi marcada pelo fim do ciclo de crescimento experimentado nos anos 70 – o chamado “milagre econômico”. Os dados históricos ressaltam expressivos índices de inflação e elevação da nossa dívida externa, além do aumento do desemprego, a estagnação da economia e a perda do poder de consumo da população.

evangélicos – Marina Silva e Pr. Everaldo – figuraram como candidatos nas eleições para Presidente da República. A existência da chamada “bancada evangélica” também pode ser considerada uma expressão das mudanças religiosas que atravessam o país e reverberam tanto nas redes sociais, quanto nas mídias tradicionais. Atualmente, personalidades como os pastores Marco Feliciano e Silas Malafaia, a jornalista Rachel Sheherazade ou os atletas Cacá e Anderson Silva, por exemplo, costumam figurar nos noticiários, programas de variedades, colunas sociais ou protagonizar polêmicas midiáticas, extrapolando, assim, os limites dos programas religiosos e das “igrejas eletrônicas”<sup>11</sup>.

Foi nesta conjuntura, de um Brasil diferente e que, de modo contínuo, deixa de ser tão tradicional em termos religiosos, que, em 2015, Baby do Brasil expôs nos gestos, nas letras e no visual, o seu discurso em pleno Rock in Rio, para um público proporcionalmente cada vez mais evangélico.

### **A menina ainda dança: repertório e ambivalência**

Se “uma das maiores diferenças entre uma canção secular e uma canção cristã está na letra” (BAGGIO, 2005, p.68), Baby consegue circular – e soar estranha – tanto no meio evangélico quanto fora dele. A apresentação no Rock in Rio 2015 atesta esse fato e deflagra a ambiguidade que transborda o discurso da cantora, tornando difícil enquadrá-la no que Bhabha (1998, p.211) conceituou como “fronteiras totalizadoras”.

De fato, tomando emprestada a metáfora fronteiriça proposta por Bhabha, em suas análises a respeito das estratégias discursivas de construção das narrativas nacionais modernas, uma vez que Baby do Brasil questiona as narrativas homogeneizantes do que venha a significar ser “evangélica”, ou “cantora gospel”, ou ainda, por outro lado, “artista” e “mística”, é possível afirmar que ela habite o “entre-lugar” (BHABHA, 1998, p.209), fazendo-nos perceber a “nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população” (BHABHA, 1998, p.209). Se, em certos momentos, Baby parece evangélica demais, em outros, revela-se excessivamente “secular”. Assim, o modo de ser da cantora poderia ser classificado, a partir da perspectiva de Bhabha, como ambivalente, pois se estabelece na articulação entre o processo “pedagógico” de constituição da identidade pela sedimentação histórica e o “performativo”, que

---

<sup>11</sup>O conceito de “Igreja Eletrônica” como postulado por Onésimo Cardoso (1984, p.7 apud DIAS, 2001, p.26) parte da observação do contexto histórico brasileiro para definir suas características: programas com distribuição nacional e internacional; com lideranças midiáticas determinadas pelo peso carismático; custeamento da estrutura dos programas com recursos advindo dos fiéis; custos elevados de produção e disseminação/comercialização de produtos (materiais e simbólicos) e interatividade com o público por meio dos diversos canais de comunicação.



cotidianamente questiona a totalidade desta identidade, desafiando suas pretensões por coerência (BHABHA, 1998, p.216). Tal ambivalência na *performance* de Baby, no Rock in Rio 2015, longe de representar um enfraquecimento, parece, ao contrário, beneficiá-la.

A partir do *set list* do show, foi possível identificar claramente algumas das manifestações desta ambivalência, que se evidenciou principalmente através de acréscimos ou alterações nas letras e de alusões religiosas por meio de falas, gestual e cenografia acionados por Baby. Usaremos, portanto, nesta análise alguns recortes discursivos a partir de fragmentos categorizados em quatro instâncias: 1. A descrição geral da cena; 2. Os acréscimos ou alterações nas letras (feitas por Baby); 3. As alusões religiosas no gestual e cenografia de Baby; e 4. As referências religiosas nas falas de Baby. Todos os fragmentos identificados foram classificados em uma das quatro categorias listadas, contudo, pelos limites espaciais deste artigo, optamos por suprimir o quadro e apresentar os fragmentos coletados, em concomitância com as reflexões e análises que empreendemos.

Como as canções são o típico discurso que trabalha, inevitavelmente, com o conceito de memória discursiva, este perpassará, como ancoragem teórica-conceitual, a análise do nosso *corpus*. Em primeiro lugar pela recorrência dos enunciados dentro dos discursos que analisamos, em segundo porque a memória discursiva pauta-se na possibilidade dos dizeres que se renovam e se atualizam no momento de sua enunciação. Partimos inicialmente da postulação da AD de que, presentes em cada discurso, há alguns elementos que não podem surgir na superfície discursiva, tão somente porque, se eles aparecerem, representarão um perigo real e um considerável desequilíbrio para o discurso em questão. No caso do nosso objeto, estamos diante de uma artista convertida, cuja imagem não se esgota em si mesma, é alterada em sua *performance*, se metamorfoseia, se adapta e transborda na promoção das ressignificações em suas rupturas discursivas, sejam estas explícitas ou não.

É assim que enxergamos, de forma mais ampla, a ambiguidade manifesta na *performance* de Baby, que ora procura demarcar a diferença com a imagem de 30 anos atrás (mesmo que para isso precise ressaltar as semelhanças, como a barriga postiça e o visual excêntrico), e ora intenciona destacar o seu atual lugar de fala, como no momento em que adentra o palco, em 2015, com as mãos apontando para o alto e diz: “A Ele toda a honra e toda a glória!”. Ou ainda quando em outros momentos, de intervalos entre músicas, revela:

Prazer muito grande estar aqui com vocês nesse dia maravilhoso. Prazer em poder, também, sempre, dar a maior bandeira de que eu sou uma *popstora* de um Reino que não pode ser abalado e que não vai ter bunda-mole no céu, só casca-grossa! Se liga, bicho!

Galera, estou aqui, nesse momento maravilhoso e eu quero só deixar claro pra vocês que aonde eu coloco a planta dos meus pés e aonde a minha voz abre é para glorificar Àquele que se não fosse Ele nada disso aconteceria: *Jesus Christ*, o Senhor dos senhores, Jesus!

Nas falas que coletamos no show, nos fica clara a capacidade da artista de incorporar novos valores e ressignificar os valores preexistentes. E isso ocorre não apenas na demarcação do seu lugar de fala<sup>12</sup>, como “popstora” (“(...) de um Reino que não pode ser abalado (...)”) ou como “evangelista” que abre a voz “para glorificar Àquele que se não fosse Ele nada disso aconteceria”, mas também na voz da artista que (re)interpreta canções de um período diferente (e à primeira vista antagônico) da sua atual vida. Na execução das músicas “Seus Olhos” e “Telúrica”, por exemplo, que emergiram na fase mística dos anos 80, a cantora tenta articular o discurso *New Age* das canções à sua atual devoção ao Deus único do cristianismo. Talvez uma das marcas discursivas mais alegóricas, na apresentação de 2015, seja justamente a atualização da música “Telúrica”, na qual a cantora diz, com as mãos apontando para o alto: “Eu vejo o mar e penso em Ti, Senhor, mande *prāna* para mim” e acrescenta: “Eu penso nEle no meu agir para ser telúrica”, evidenciando a nosso ver, uma eficaz estratégia ideológica na medida em que opera na substituição de um determinado modo de pensar com a intenção de levar os indivíduos à perda da memória do significado que anteriormente a letra possuía.

Essas manobras ocorrem em diversos outros momentos do show como, por exemplo, na música “Menino do Rio”, na qual o notório apelo sensual foi modalizado discursivamente em prol de uma moralidade evangélica, abraçada atualmente por Baby, levando-a, inclusive a declarar, em várias entrevistas, sua abstinência sexual. É interessante notar, contudo, que, nas duas músicas “de amor”<sup>13</sup> do repertório de Pepeu, modalizações desse tipo não ocorreram e frases como “eu também quero beijar” foram cantadas na íntegra por Baby.

Outra letra que permaneceu inalterada e foi cantada incólume por Baby foi “Todo dia era dia de índio”. Chama-nos a atenção versos como “o índio é o exemplo puro e perfeito, próximo da harmonia, da fraternidade e da alegria, da alegria de viver” serem cantados por uma artista que se afirma convertida ao cristianismo e, portanto, como vimos, comprometida com a missão cristã de “reconciliação” de um mundo pecador com Deus. Por isso, pode-se entender como paradoxal, também neste ponto, a postura adotada por Baby, já

<sup>12</sup>A partir deste lugar, é estabelecido um contrato implícito de troca simbólica de enunciados com os destinatários, conferindo assim ao falante a condição de ser autorizado a falar daquilo que fala e do modo que fala (FOUCAULT, 1971).

<sup>13</sup> Classificação do próprio Pepeu Gomes, numa fala introdutória, na apresentação 2015.

que, em certos momentos do show, ela explicitamente convoca os brasileiros a glorificarem a Deus – “A Ele toda a honra e toda a glória!” – e em outros executa uma letra que se ajusta a perspectivas teóricas que consideram narcisista (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.25) a antropologia que embasou investidas ocidentais e modernas, tais quais as iniciativas colonialistas ibéricas mencionadas na música.

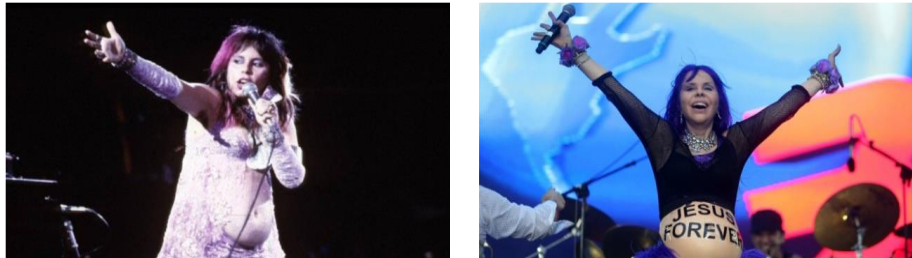
Trechos de outras músicas foram também ressignificados. "Masculino e Feminino", cuja letra sugere o borramento das fronteiras e certo apagamento das diferenças entre os gêneros, argumento que parece colidir com a sua identidade de evangélica e pastora e a consequente adoção da bíblia como padrão de crença e comportamento. Ao cantar versos como “Se Deus é menina e menino, sou masculino e feminino”, Baby aproxima-se da crítica feminista e se distancia da teologia cristã tradicional, que, conforme explicita McGrath (2007), adota o gênero masculino para referir-se a Deus:

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento usam o gênero masculino para se referirem a Deus. O termo grego *theos* é, indubitavelmente, masculino e a maioria das analogias empregadas para Deus ao longo das Escrituras – como pai, rei e pastor – também são masculinas (MCGRATH, 2007, p.344).

Assim, Baby atualiza a dêixis bíblica num procedimento discursivo que materializa o estatuto da sua experiência religiosa como uma experiência fundamental e suficiente para constituí-la como sujeito. Por outro lado, a adição à letra da música, na voz de Baby, do trecho “Que ser uma mulher masculina, não fere o meu lado feminino. Porque pra parir seis meninos, eu tenho que ser muito masculina e feminina”, além do gesto de apontar as mãos para o céu ao cantar os versos “E vem de lá o meu sentimento de ser” parecem novamente modular os sentidos da canção, posicionando a artista como cristã.

Portanto, ao operar discursivamente dentro da sua crença cristã, Baby oferece a possibilidade de ressignificação, sem abrir mão da ambiguidade que lhe confere legitimidade para trafegar em lugares que parecem antagônicos. Ela desprende o presente do passado apresentando um contradiscurso que, aparentemente, quer abrandar as marcas de seu estilo de vida anterior. Em manobras linguísticas, atravessadas por forte teor emocional (em diversas vezes, ela canta com os olhos fechados em posição de oração e louvor a Deus), Baby se esforça para apagar as diferenças e diluir as fronteiras dos mundos que coabitam na sua própria constituição como sujeito. Este necessariamente passa a ser o princípio gerador dos sentidos nas suas falas, mesmo quando usa uma substituição totalmente adversa, como a do “dragão” por “*Jesus forever*”, na letra “Menino do Rio”: “*Jesus forever* tatuado no braço”. A mesma inscrição religiosa, aliás, serviu para alicerçar

ainda um momento apoteótico no final show, quando Baby despontou no palco com uma falsa barriga na qual se lia “*Jesus forever*”. O ato, ao mesmo tempo que evocava a gravidez que a artista exibiu em rede nacional, na apresentação de 1985, a diferenciava da Baby pré-conversão.



Figuras 1 e 2 – Baby do Brasil nos dois concertos: O primeiro em 1985, grávida do seu sexto filho e em 2015, aludindo ao Rock in Rio de 30 anos antes: com a barriga postiça “*Jesus forever*”.<sup>14</sup>

A ambiguidade vista no discurso e na *performance* de Baby nos leva a ponderar que os sentidos e os sujeitos se constituem em processo, nele há transferências, jogos simbólicos, dos quais não temos controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão muito presentes. Destarte a ambiguidade discursivizada e performática da artista, que experimentou e divulgou seu processo de conversão, pode nos apontar uma série de hipóteses.

Estas, de forma geral, se ancoram sobre a possibilidade de que tal ambiguidade seja apenas o reflexo de uma inconsistência teológica, da superficialidade doutrinária neopentecostal abraçada pela cantora. Ou ainda, que tal ambiguidade seja resultante de uma estratégia mercadológica que pretende ampliar o alcance do seu público: evangélicos e não evangélicos – o que potencialmente auxilia para alavancar a carreira e promover o projeto Baby Sucessos. As hipóteses ainda abarcam possibilidades outras. A de que Baby acione a ambiguidade como estratégia legítima de evangelização<sup>15</sup>, exatamente como o apóstolo Paulo que afirmou, em 1 Coríntios (9:22), “fiz-me tudo para com todos com o fim de salvar alguns”. A ambivalência demonstrada por Baby seria expressão de um desejo cristão autêntico e irrefreável de proclamar o evangelho, com o intuito de quebrar preconceitos, como ela tanto declara em suas entrevistas? Ou, por tudo o que ponderamos até aqui, poderíamos inferir que se trata de um intrincado *mix* de todas essas hipóteses?

<sup>14</sup> Créditos: Foto de 1985: Aníbal Philot – Agência O Globo e foto de 2015: Fabio Motta – Estádio Conteúdo.

<sup>15</sup> Como declarou em entrevista ao G1: “Eu avisei que Deus tinha me falado que eu voltaria ao “secular” – como a gente chama no gospel –, embora este não fosse meu projeto naquele momento. Mas, quando Deus falou tudo isso comigo, eu chamei a igreja e falei: “Galera, vocês vão se assustar, mas Deus está me mandando voltar ali e há uma missão aí”. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/rock-in-rio/2015/noticia/2015/09/baby-do-brasil-diz-que-so-aceitou-ir-ao-rock-rio-apos-consultar-deus.html>. Acesso em 09 de jan. 2016.

É fato, contudo, que essas alternativas apontam discursivamente para a ambivalência que, como afirma Bhabha (1998), de forma inequívoca, constitui o sujeito. Apontam ainda para a impossibilidade de cabermos nas narrativas homogeneizantes modernas, fazendo-nos escapar pelo discurso, pela *performance* e pelas negociações que se incorporam aos percursos temáticos e figurativos das nossas falas, processos que se fundam na nossa memória discursiva. Esta que faz com que Baby eleja como estratégia alguns valores como fundantes e legitimadores da sua experiência religiosa, mas que podem mudar de sentido ao sabor da posição ideológica que perpassa a sua condição de sujeito falante. É por isso que Pêcheux (1999) define a formação discursiva como aquilo que, presente em uma dada formação ideológica, numa conjuntura específica e em um determinado estado, acaba por determinar o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve, efetivamente, ser dito pelo sujeito.

Percebemos na ambiguidade performativa de Baby a ambivalência convertida num processo cuja recorrência faz com que ela migre continuamente entre os polos da experiência de fé teológica (a partir da teologia cristã bíblica e neopentecostal) e da experiência de fé antropológica (através da *performance* emocional e dos seus momentos de louvor e adoração nas músicas). Essa recorrência, presente não só nas letras, como nas falas e nos gestos, possibilita a manutenção de um tênue equilíbrio identitário, ao mesmo tempo em que promove a sua constituição como sujeito do discurso.

### **A guisa de uma conclusão**

Neste conjunto de manobras discursivas, entendemos que a repetição se constitui como um conceito extremamente importante, a partir do princípio básico de que ela atua na recuperação do passado, na emergência de uma memória discursiva que se ancora na clara ambiguidade performática de Baby. Foucault (1971) afirma que a repetição se inscreve no interior da ordem discursiva, fazendo com que os discursos se repitam tanto no seu desenrolar “sincronicamente”, quanto na medida em que se repetem apresentando os mesmos temas, as mesmas formulações, “diacronicamente”.

Como aqui analisamos um discurso que tem uma forte essência musical em diálogo com a *performance* religiosa da cantora, não podemos nos furtar de esclarecer que estes enunciados não são enunciados quaisquer, pois, ao mesmo tempo em que estas falas se imbricam com valores, crenças e domínios midiáticos, eles se tocam e se repetem à exaustão em diversos outros campos, revelando Baby do Brasil para além de um sujeito-

em-si, apreendido no discurso, mas sim um “sujeito constituído socialmente”, como postula Orlandi (1988, p.10) para explicar as coerções da formação discursiva e da formação ideológica, “pois não são só as intenções que contam, já que as convenções constituem parte fundamental do dizer”.

Tão espiritual – e espirituosa – quanto a artista que subiu aos palcos da primeira edição do Rock in Rio, em 1985, grávida e vestida com metais supostamente retorcidos por um paranormal, a Baby de cabelos roxos que declara, em 2015, através de uma performática (falsa) barriga, pertencer para sempre a Jesus, dá à luz a enunciados filiados a perspectivas filosóficas e teológicas bem diversas, reflete a conjuntura social de um novo Brasil, desliza por entre discursos até mesmo opostos e, assim, parece conseguir esquivar-se do rígido enquadramento de quaisquer fronteiras historicamente construídas, teimando em permanecer no que Bhabha (1998) chamaria de “entre-lugar” e demonstrando as complexidades relativas à questão da alteridade.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, A. 'A carne não me vence', diz Baby do Brasil, sem sexo há 13 anos. In **Ego**, 21 abr. 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/04/carne-nao-me-vence-diz-baby-do-brasil-sem-sexo-ha-13-anos.html>>. Acesso em: 06jan. 2016.

BAGGIO, S. **Música Cristã Contemporânea**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

BALLOUSSIER, A. Baby do Brasil e Pepeu Gomes voltam a dividir palco 27 anos depois. In **Folha de São Paulo**, 10 set. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1679503-baby-do-brasil-e-pepeu-gomes-voltam-a-dividir-palco-27-anos-depois.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

BASTOS, C. Baby nos cinemas. In **Revista Rolling Stone Brasil**, set. 2010. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/46/baby-nos-cinemas#imagem0>>. Acesso em: 05jan. 2016.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BÍBLIA, Língua Portuguesa. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

DIAS, Arlindo Pereira. **Domingão do Cristão: estratégias de comunicação da Igreja Católica**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2001.

EM REENCONTRO, Baby do Brasil e Pepeu Gomes comovem o Rock in Rio. In **Gazeta do Povo**, 20 set. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/em-reencontro-baby-do-brasil-e-pepeu-gomes-comovem-o-rock-in-rio-1kftpm29fkws47ze9zlo3rv8>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad.: L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.

GIL, J. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

GOUVÊA, R. Novos tempos, velhas crenças: crítica do neo-paganismo sob uma ótica cristã. In: **Fides Reformata**, Vol.III, 1998. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 1998, pp.5-26.

HARRIS, J. **Cave mais fundo**: O que você acredita? Por que isso importa? São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011.

MCGRATH, A. **Teologia Histórica**: uma introdução à história do pensamento cristão. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. Revista de Estudos Avançados 18 (52), 2004.

MARTINS, S. CARNEIRO, R. Aleluia, rock'n'roll. In **Revista Veja**. Editora Abril, Edição 2452 de 18 de novembro de 2015. pp.86-91.

MURARO, C. Pepeu Gomes chora ao lado de Baby do Brasil em show histórico com filho. In **G1**, 20 set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/rock-in-rio/2015/noticia/2015/09/pepeu-gomes-chora-ao-lado-de-baby-do-brasil-em-show-historico-com-filho.html>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

NOVAIS, Fernando; CARDOSO DE MELO, João. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Novo estilo. In **Revista Veja**. Editora Abril, Edição 855 de 23 de janeiro de 1985. p.61.

ORLANDI, E. **O Sentido Dominante**: a literalidade como produto da história. Versão publicada nos anais do Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro: PUC, 1981.

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ORTEGA, R. Baby do Brasil diz que só aceitou ir ao Rock in Rio após consultar Deus. In **G1**, 20 set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/rock-in-rio/2015/noticia/2015/09/baby-do-brasil-diz-que-so-aceitou-ir-ao-rock-rio-apos-consultar-deus.html>>. Acesso em: 29dez. 2015.

PÊCHEUX, M. "Papel da memória". In: ACHARD, Pierre etalii. **Papel da memória**. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ROCHA, R. Os mistérios do planeta de Baby do Brasil. In **Revista Billboard**, 25 jun. 2015. Disponível em: < <http://billboard.com.br/noticias/os-misterios-do-planeta-de-baby-do-brasil/> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

STOTT, J. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**. São Paulo: ABU Editora, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.